

TRÊS VISÕES RELIGIOSAS DA MORTE

Aldo Vannucchi*

INTRODUÇÃO

Dentre as interrogações fundamentais da vida humana situa-se com peculiar gravidade a questão da morte. Afinal, qual o seu significado? Qual a melhor atitude humana perante ela? Fingir-se de imortal no dia-a-dia ou se deixar dominar, passo a passo, pelo seu espectro?

Para além das respostas e explicações da ciência, atravessam os séculos as propostas orientadoras da religião; melhor dizendo, das religiões.

Examinaremos, aqui, três consagradas visões religiosas da morte, a saber, a cristã, a muçulmana e a budista, visões consagradas, histórica e geograficamente, e com dimensão mundial e multissecular.

VISÃO CRISTÃ

“Não é terrível a morte pela vida que acaba, senão pela eternidade que começa. Não é terrível a porta por onde se sai; é terrível a porta por onde se entra” (Pe. Antônio Vieira Sermão da 4ª feira de cinza de 1670).

O grande pregador sacro luso-brasileiro ressalta aí dois pontos marcantes: a realidade dolorosa da morte e a perspectiva necessária do além-morte.

O primeiro aspecto, no enfoque cristão, tem seu paradigma na morte violenta do próprio Jesus Cristo. Quem lhe segue os passos, de Belém ao Calvário, aprende logo que todo moribundo é também um crucificado. Mas, à luz do Evangelho, o cristão pode e deve superar qualquer tentação de necrofilia. Se o enigma da morte perturba-o, ao longo dos anos, e se os sofrimentos da agonia o torturam na hora do seu passamento, sustenta-o sempre a fé e a esperança naquele que morreu primeiro e morreu, precisamente, para destruir o império da morte, tornando-nos, agora, “justificados por meio do seu sangue” (Rom 5,9).

Morto e ressuscitado, Cristo não se apresenta apenas como vitorioso depois da morte, mas sim como o penhor da nossa vitória sobre a morte.

Com sua paixão, morte e ressurreição, Cristo abre para o cristão a perspectiva da outra vida, ou melhor, da continuidade da vida para além da morte. Assumindo livremente a condição mortal, Ele nos revela que a morte, mais do que uma inexorável necessidade, constitui a porta para a liberdade total. Deixa ela de ser momento e causa de revolta, porque ganha um significado transcendente. De instância de aniquilação absurda passa a ser a expressão maior da auto-superação humana.

Como sentenciou Vieira, a porta de saída transforma-se em porta de entrada.

VISÃO MUÇULMANA

“Ele vos fará surgir da terra como uma planta. Ele vos fará retornar a ela e vos fará sair dela novamente”
(Alcorão LXXI, 16-17).

Muçulmano ou islamita é quem vive o Islã (ou Islão), ou seja, a entrega, a submissão, o abandono à vontade divina, com toda a confiança. Essa a base essencial do Alcorão (ou Corão), palavra que significa “a leitura por excelência”.

Revelado a Maomé (na verdade, Mohammad), esse único livro sagrado dos maometanos ensina que não há outra divindade além de Alá e que Maomé é o seu profeta. Essa profissão de fé materializa-se na vida do crente cinco vezes ao dia, em horas bem determinadas, ao longo de toda a sua existência. E na hora de sua morte, esse credo deverá ser reafirmado pelo agonizante, olhos postos na direção de Meca. Se lhe faltarem as forças, apontará ao menos o indicador, em direção ao céu.

A morte, o juízo e a ressurreição eterna integram a dogmática islamita. Constituem pontos capitais, hauridos, aliás, por Maomé em fontes cristãs. Com a morte, separados o corpo e a alma, volta aquele para a terra e a alma, durante longo período permanece no sono ou embriaguez da morte, à espera do julgamento final, dia em que a sorte de cada um é definida, como nos pratos de uma balança.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 5, n. 2, p.49 - 50, 2003

* Reitor da Universidade de Sorocaba - Uniso, Mestre em Filosofia e Teologia.

Como, porém, Alá é um Deus clemente e misericordioso e “mais terno que uma mãe”, na balança fatal as boas ações pesarão mais do que as más. E, a seguir, todos, crentes ou não, passarão por uma ponte, “fina como um fio de cabelo e cortante como uma navalha”. Os justos e os que forem perdoados passarão sem problemas, com a ajuda do próprio Maomé; os demais serão precipitados no inferno: os pecadores crentes, temporariamente; os infiéis, por toda a eternidade.

VISÃO BUDISTA

“O homem cuja mente vive preocupada com o bem-estar dos filhos e dos rebanhos está dominado pela morte, como um vilarejo adormecido e submerso por um grande rio”
(Máxima tradicional).

Com raízes nos Vedas, o mais antigo livro religioso da Ásia, o Budismo, na realidade, mais do que uma religião sem deus, é fruto da experiência mística pessoal de um príncipe indiano, Sidarta Gautama, que, a partir de sua iluminação, recebeu o nome de Buda, ou seja, o Iluminado, o Desperto.

Seu primeiro e permanente ensinamento foi sobre as Quatro Verdades: a dor, sua origem, sua eliminação e o caminho para se libertar dela.

Num mundo todo feito de sofrimento, porque sujeito a mudanças, passando de dor em dor, a salvação só é possível a quem souber libertar-se de todos os desejos, em sucessivos renascimentos. Quem o conseguir alcança o nirvana, a eterna imortalidade, a felicidade suprema, um estado isento de todos os sofrimentos e paixões, porque livre de todo e qualquer desejo, inclusive do desejo de viver.

No fluxo inexorável e ilusório da existência humana, a morte e o nascimento são passagens naturais, fenômenos que se repetem para cada pessoa, necessariamente, como o adormecer e o despertar cotidianos. A vida nada mais é que uma jornada que termina com o sono da noite e

recomeça no amanhecer seguinte.

A morte, portanto, não é um fim e, por isso mesmo, não deve causar temor algum. Sábio e salvo será quem se esforçar por superar as paixões e as variações do mundo. Esse o remédio mais simples e mais eficaz contra a dor da existência.

CONCLUSÃO

“Contra vim mortis non est medicamentum in hortis”
(“Contra a violência da morte não existe remédio na flora” - Máxima da Escola Salernitana de Medicina).

Essa antiga sentença continua plenamente atual. Nenhum laboratório conseguiu ainda e não conseguirá jamais produzir medicamento que impeça a morte. Por incapacidade ou falência dos conhecimentos científicos humanos?

Absolutamente, não. A razão está na própria condição humana, intrinsecamente ligada à materialidade do nosso corpo.

Perante essa realidade inelutável é que a morte constitui sempre uma violência. E as religiões todas, como as três que acima sintetizamos, procuram ensinar aos seus fiéis como enfrentar essa realidade.

Se eles assimilam, na verdade, tais ensinamentos, é outra questão. O que se vê, de fato, no dia-dia, por exemplo, no mundo cristão, nas comunidades muçulmanas e nos ambientes budistas, é muito mais o medo do que a aceitação da morte.

Um caso flagrante dessa necrofobia, no Brasil, pode se ver na resistência enorme que ainda prevalece quanto à doação de órgãos. Por que existem, relativamente, poucos doadores? Porque se tem medo da morte e nem se quer pensar, em vida, nessa possibilidade/certeza. Parece bem cômodo não pensar nisso, pois, afinal, quem precisa deste ou daquele órgão são os outros e “se (!) eu morrer ou quando morrer, que os outros decidam...”

As opiniões expressas nesta sessão representam o ponto de vista de seu Autor e não, necessariamente, o da Revista.